

Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Marinheiros deixam o Sindicato dos Metalúrgicos, onde ficaram sublevados por três dias, menos de uma semana antes do golpe de 1964 | Foto: Geraldo Tonel/27-03-1964/[O Globo](#)

Rompendo o silêncio – Resenha de *À esquerda das forças armadas brasileiras: História de vida de militares e anistiados políticos*, de Andrea Paula S. O. Kamensky, José C. S. Bom Meihy, Silvio Tandler, Nicolas O. Cardoso, Felipe M. Dogue, Suzana L. S. Ribeiro e Nathaly F. F. Alves

Jandson Soares (SEED/RN)

Resumo: *À esquerda das forças armadas brasileiras*, de Andrea Kamensky et al., objetiva alcançar a sociedade civil ao resgatar memórias de militares de esquerda. Exagera na extensão e no academicismo nos volumes um e cinco. Destaca-se pela linguagem acessível, abordagem inédita e rigor teórico-metodológico.

Palavras-chave: história oral; ditadura civil-militar; militares de esquerda.

A obra *À esquerda das forças armadas brasileiras: História de vida de militares e anistiados políticos*, escrito por Andrea Paula S.O. Kamensky, José Carlos Sebe Bom Meihy, Silvio Tandler, Nicolas de Oliveira Cardoso, Felipe Maganã Dogue, Suzana Lopes Salgado Ribeiro e Nathaly Felipe Ferreira Alves, é composta por cinco volumes. Essa produção tem como objetivo romper com a falsa ideia de que o exército seria uma instituição monolítica, em que todos os militares seriam conservadores e estariam inclinados à direita, de modo a salientar que tal perspectiva seria resultado de um processo de apagamento das disputas internas dessa corporação.



Essa obra materializa o amadurecimento de um grupo de pesquisadores que, durante 30 anos, desenvolveram experiências de curadoria da memória por meio da história oral. Tais relações denotam a existência de um circuito que envolveu desde a participação e influência de pesquisadores, como José Carlos Sebe Bom Meihy (referência do campo da história oral no Brasil), até a constituição de uma rede de estudos do Núcleo de Estudos em História Oral da USP (NEHO-USP) e sua integração a instituições da sociedade civil interessadas na memória de grupos sociais invisibilizados. Sabemos que o ano de 2024 foi marcado pelo aniversário de um dos eventos que ainda povoa a memória política e sensível do Brasil: a Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985). Apesar de todos os esforços de órgãos da sociedade civil e de boa parte dos historiadores em assinalá-lo como um golpe contra a democracia, ainda convivemos com um passado disputado que, por vezes, reacende no debate público como "Revolução", realizada pelos militares e setores conservadores, que livraram o Brasil das ações comunistas.

Para combater essas ideias e cumprir o objetivo proposto, os autores fizeram circular a memória daqueles que, à esquerda, disputaram a sociedade e a instituição que compunham, identificando o que significava pertencer a esse campo ideológico para os que vivenciaram a carreira militar e para a própria instituição da qual fizeram parte ao longo do século XX.

É a partir desse lugar comum que os organizadores apresentaram, em uma relação direta entre teoria e práxis, conceitos fundantes de uma concepção de história oral que se aproxima de campos como a literatura histórica e a história de vida. Nesse sentido, não buscaram interpretar as vozes dos entrevistados, mas reproduzi-las como formas de representação do passado, resultado da interação entre o entrevistado e aquele que entrevista, assim como na relação entre o lugar no presente em que os relatos se deram e as expectativas de futuro de seus produtores. Essas histórias de vida são compreendidas como uma maneira de alcançar a justiça social diante do seu silenciamento estabelecido pelas próprias instituições militares.

Situada no diálogo entre historiografia, antropologia, psicologia social, linguística e teoria literária, a obra se estrutura a partir de um contraponto ao conceito de memória coletiva, apresentado por Maurice Halbwachs, como a capacidade de construir memórias capazes de apagar conflitos e dar legitimidade a uma memória, normalmente alvo de investimentos públicos e profissionais. A partir desse ponto, aproxima-se de conceitos como história de vida, história do cotidiano e história do tempo presente, dialogando com autores como Mercedes Vila Nova, Ecléa Bosi, Alessandro Portelli, Ágnes Heller, François Bédarida, Michel de Certeau e Veena Das, demonstrando o interesse não apenas pelos eventos históricos canônicos, mas pela trajetória das pessoas comuns, reconstituindo momentos como a infância, juventude, ingresso e vivência nas forças armadas, assim como o lugar em

que se encontravam quando das entrevistas e suas expectativas frente às injustiças que experimentaram.

A partir dessas histórias de vida, é possível observar como o Brasil passou por uma série de processos de repressão àqueles que adotaram posições políticas mais progressistas, os quais nem sempre se reconheceram ou se autodenominaram socialistas ou comunistas, mas também para os que se viam como nacionalistas (defensores das riquezas e da soberania nacional) e legalistas (favoráveis ao cumprimento dos ritos da democracia burguesa). Esse processo alcançou diversos níveis de violência que atravessam o corpo, o patrimônio e a memória. Ao mesmo tempo, demonstra a longa tradição de processos de anistia que perpassaram todo o século XX e continuam em curso nas primeiras décadas do século XXI.

No que diz respeito à estrutura, o primeiro livro deve ser pensado não apenas como uma introdução aos que o procedem, mas como um manual, uma vez que relaciona as escolhas práticas dos autores aos referenciais teóricos adotados. Tais aspectos são amplamente discutidos nas notas de rodapé, o que possibilita uma boa compreensão tanto para um público mais geral, entusiasta por visitar o tema, quanto para os profissionais interessados em uma leitura mais densa, capaz de permitir a reprodução de métodos e escolhas.

Os livros dois, três e quatro possuem depoimentos que cortam a vida de praças e oficiais das três forças armadas (Exército, Aeronáutica e Marinha). A fim de situar o leitor, a obra busca construir, antes dos depoimentos propriamente ditos, uma breve biografia que não apenas trata dos espaços ocupados pelos interlocutores escolhidos, mas também as colaborações e disputas travadas pelos militares a partir da perspectiva política de esquerda.

Trabalhadas por meio de uma abordagem geracional, essas narrativas atravessam eventos contundentes que fazem parte dessa memória de esquerda marginalizada, como a participação nas brigadas internacionais e na Guerra Civil Espanhola, a influência da Coluna Prestes e do Tenentismo, o Levante Comunista de 1935, a Campanha do Petróleo é nosso, as lutas contra o fascismo durante a Segunda Guerra Mundial, as disputas pela manutenção da legalidade e defesa da democracia, a resistência ao Golpe Militar de 1964, a virulência da Ditadura empresarial brasileira, marcada pela perseguição, marginalização e violência; assim como os diversos embates por anistia e retomada de direitos políticos. São histórias de sublevação que evocam tentativas de auto-organização e sobrevivência frente aos avanços de uma direita militar que, ao longo do tempo, se tornou cada vez mais hegemônica.

Uma leitura repleta de vozes e camadas de tempo, com uma linguagem acessível, compatível com o objetivo da obra de ultrapassar a bolha acadêmica. O que se vê é um texto produzido em parceria entre quem fala e quem exerce a curadoria dessas vozes, incorporando documentos citados e fazendo as correções pontuais para transformar o audível em legível.

No que diz respeito ao quinto livro, esse é o que mais se distancia do objetivo geral da coleção, a meu ver, aproximando-se da esfera acadêmica. Apresento esse argumento, uma vez que a obra exemplifica como saberes especializados podem mobilizar essas vozes e conhecimentos, seja através de produções acadêmicas de circulação mais restrita, seja por meio de produções com uma circulação maior, como os videodocumentários desenvolvidos por Silvio Tandler, assim como o lugar que esses saberes também possuem no processo de disputa de memória coletiva e justiça social.

De modo geral, pode-se afirmar que a obra possui um valor fundamental ao diversificar e divulgar memórias marginalizadas relacionadas à instituição militar e suas ações durante o século XX, ao mesmo tempo em que oferece um rico campo conceitual, nascido do contato com as experiências daqueles que vivenciaram os eventos históricos abordados. Considero a estrutura da obra como um aspecto que pode afastá-la de seu interesse primordial de ultrapassar os muros da academia, uma vez que ela parece tentar dialogar, simultaneamente, com a academia e com a sociedade civil mais ampla, o que acaba por torná-la muito extensa. Acredito que tanto o livro um quanto o livro cinco interessam muito mais àqueles que lidam com esse conhecimento de maneira profissional.

Sumário de *À esquerda das forças armadas brasileiras: História de vida de militares e anistiados políticos*

Livro 1

Agradecimentos

Apresentação – Nathaly Felipe Ferreira Alves

Histórias de vida de militares de esquerda brasileiros?!

Esquerda e direita, volver

Histórias de vida e narrativas biográficas

Uma rede de colaboradores entrevistados

Quais roteiros e registros?

Muitas subjetividades, inúmeros cadernos de campo

História, antropologia e literatura entre oralidades e escrituras

A procura em arquivos e bibliotecas

Sujeitos, colaboradores, protagonistas, não “objetos de pesquisa”

Livro 2

José Gutman -“A nossa causa é muito justa e a história vai nos dar razão. Quem viver verá...”

Anthero de Almeida -“Nós, de 35, somos os oficiais malditos do Exército.”

José Correia de Sá - “Continuo fiel às minhas ideias.”

Nelson de Souza Alves - “Acredito que todas as minhas atitudes podem ser explicadas pela minha opção política.”

Homero de Castro Jobim - “Era e sou radicalmente democrático.”

Delcy Silveira -“Sempre tive a ideia de ser soldado. Aliás, eu sou soldado! Da vida de revolucionário, eu conheço praticamente tudo...”

Apolônio de Carvalho - “Sempre procurei atuar no movimento social e político da minha geração.”

Livro 3

Fortunato Câmara de Oliveira - “Ah! Sempre fui perseguido... era o ‘suspeito de sempre’! A vida inteira, desde tenente até brigadeiro, e fui expulso da FAB, acusado de subversão...”

Rui Moreira Lima - “Não se pode omitir pedaços da história, a história tem que ser verdadeira! Esses são os fatos que estão dentro de mim...”

João Evangelista Mendes da Rocha - “Costumo dizer que fomos penalizados e perseguidos por conta do nosso idealismo democrático.”

Jacob Gorender - “A gente tem que recordar!”

Miguel Alfredo Arraes de Alencar – “Quem assume uma posição corre esses riscos...”
Kardec Lemme – “Isso é apenas um relato: houve muitas outras perseguições que nunca receberam a luz da imprensa brasileira, que nunca foram denunciadas, que nunca levaram a nada!”

Livro 4

Pedro Alvarez – “Capitão do Povo... disseram que o senhor era um monstro, capaz de comer até crianças! Para ver como é que era o anticomunismo!”
Héctor Araújo – “Eu fui vencido, mas não convencido.”
Carlos Joaquim Magalhães – “Costumo dizer que a cultura é subversiva porque ela alerta as pessoas, mostra o caminho certo para percorrermos, ensina a nos defender dos falsos patriotas...”
Glauco Prado Lima – “Eu acho que tenho que agradecer muito a essa ‘revolução’ que me forçou a lutar, a buscar novos caminhos...”
Pedro Paulo de Albuquerque Suzano – “Desde garoto, vi que a família era militar e dividida politicamente...”
Eduardo Chuay – “A gente acreditava que podia mudar a sociedade. E ainda acredito um pouco porque, por mais que a razão mostre que é difícil, prefiro o sonho...”
Wilson Fadul – “O golpe estava em andamento... Eu retirei o Presidente do avião presidencial, porque estava sabotado!”
João Batista de Paula – “Chego à conclusão que minha luta não valeu nada! Quase nada... Não só a minha luta, mas a de outros companheiros meus, que sofreram.”
Deodoro Bugarin – “Apenas quero que meus filhos não se envergonhem de mim. Só isso.”
Joacy Pereira Magalhães – “Com toda a cadeia que peguei, não me arrependo de ter participado nisso, porque essa luta foi válida.”

Livro 5

Nota da Organizadora

Depoimentos no filme Militares da democracia: os militares que disseram não – Silvio Tandler

Silvio Tandler – “Eu faço cinema político porque eu acredito no que estou falando!”

Produção de imagens de resistência e construção de uma outra história do Brasil contemporâneo – Nicolas O. Cardoso e Andrea Paula S. O. Kamensky

Bartira Silveira – “Eu serei companheira aceitando todas as dificuldades...”

Lugares da militância e do gênero e a vida da companheira de um soldado comunista – Andrea Paula S. O. Kamensky, Felipe M. Dogue e Suzana L. S. Ribeiro

Militares nacionalistas de esquerda e a Campanha O Petróleo é Nosso na década de 1950 – Felipe M. Dogue e Andrea Paula S. O. Kamensky

Anistia e memórias de trabalhadores(as) e militares perseguidos pela ditadura: entre esquecimentos e lembranças, as lutas por reparação e justiça – Andrea Paula S. O. Kamensky e Caroline B. Silvério

José Carlos Sebe Bom Meihy – “Este embate matizou minha vida”

Uma democracia construída e garantida todos os dias nas práticas de educação e de pesquisa – Suzana L. S. Ribeiro e Andrea Paula S. O. Kamensky

Posfácio: À Esquerda das Forças Armadas, dos 30 aos 60 anos do golpe de 64, aos 45 anos da lei de anistia – Andrea Paula S. O. Kamensky

Referências

KAMENSKY, Andrea Paula dos Santos Oliveira [et al.]. *À Esquerda das forças armadas brasileiras*. Santo André: Alpharrabio Edições, 2024.

Resenhista



Jandson Bernardo Soares é doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publicou, entre outros trabalhos, [Formando historiadores em meio à crise pandêmica](#) e [Produzindo livros didáticos de História: prescrições e práticas?](#) notas de uma pesquisa em andamento. ID Currículo LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9151962206801002>; ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8195-5113>; E-mail: jandson_ze@hotmail.com.

Para citar esta resenha

KAMENSKY, Andrea Paula dos Santos Oliveira et al. *À Esquerda das forças armadas brasileiras*. Santo André: Alpharrabio, 2024. 1727 p. Resenha de: SOARES, Jandson. Rompendo o silêncio. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 24, p. 9-14, jul./ago., 2025.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).